

O DISCURSO SEMIÓTICO NO CONTO “ATRÁS DO ESPESSO VÉU”, DE MARINA COLASANTI

Maria Elizabeth Sacchetto (CES/JF-UFF)
Maria das Graças R. P. Fernandes (CES/JF)

Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos esclarecido, mais ou menos livre), é, ao contrário, observar de que plural ele é feito.
Roland Barthes

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

O presente artigo pretende propor o estudo do conto “Atrás do espesso véu”, de Marina Colasanti, tomando como referencial a análise textual do conto “SZ”, de Edgar Allan Poe, realizada por Roland Barthes, para comprovar a estrutura plural do texto literário.

Palavras-chave: Lexias. Discurso Semiótico. Análise Textual. Marina Colasanti.

ABSTRACT

This article aims at proposing a study of the short-story “Atrás do espesso véu” (Behind the thick veil), of Marina Colasanti, taking as referential the textual analysis of the short-story “SZ”, of Edgar Allan Poe, written by Roland Barthes in order to reaffirm the plural structure of literary text.

Keywords: Lexis. Semiotic Discourse. Textual Analysis. Marina Colasanti.

O pensamento de Roland Barthes fundamentará o presente estudo, pois parece sensato escolher alguns dos plurais de que o texto é feito e caminhar paralelamente a eles, observando essa pluralidade. Sem dúvida, é impossível captar todas as particulares de um texto, perceber todas as peripécias do fazer literário, mas cabe observar o processo de estruturação do texto, especialmente a partir da vivência do leitor, levantando os recursos usados pelo autor, as imagens, o discurso, a função das personagens, enfim, apoiando em um ponto ou em alguns aspectos do texto a fim de que dele se possa extrair o maior número possível de significações, valendo-se, também, de dados sociológicos, psicológicos, históricos que possibilitem estabelecer o texto como um sistema de relação, um corpo dinâmico, que se firma a partir do diálogo com o leitor: “O texto literário não é uma estrutura de sentido único, mas uma galáxia de sentidos” (PERRONE-MOISÉS apud LUCAS, 1971, p. 58). A estudiosa solidifica seu pensamento, destacando:

O que se deve buscar num texto não é a estrutura única e imutável – segundo Roland Barthes essa não existe – mas um caminho para a estruturação crítica. O texto tem uma estrutura plural e a leitura é a busca de um caminho através do mapa intrincado dos significantes. Achado este caminho, ele não nega os outros, apenas se afirma como um itinerário possível. (Idem)

Por apresentar uma estrutura plural, é mister que deixemos de estruturar o texto em grandes segmentos, tal como fazia a retórica clássica. A proposta de Barthes é trabalhá-lo, passo a passo, com o intuito de revigorá-lo, penetrando em seu sentido geral, permitindo a abertura para uma cadeia de sentidos. Na verdade, seria o que Barthes denomina “estelar” o texto.

Para atingir esse propósito, segmenta-se o significante gerador numa série de “lexias” que são unidades de leitura: “A lexia não é mais do que um invólucro de um volume semântico” (BARTHES, 1970, p. 18). O levantamento sistemático dos significados em cada lexia não visa à descoberta da verdade do texto, mas ao seu plural. E esse procedimento não envolve uma exposição crítica a um texto ou a “este” texto, mas a sua matéria semântica no campo das críticas psicológica, psicanalítica, temática, histórica, estrutural. O texto norteador será continuamente “estilhaçado” sem obedecer às suas divisões naturais: sintáticas, retóricas, anedóticas.

As lexias são arbitrárias, não obedecem a nenhuma metodologia; em algumas situações, atuam sobre o significante, enquanto a análise proposta se efetua sobre o significado. As lexias compreendem, às vezes, poucas palavras; outras vezes, frases. O importante é que o escolhido seja o melhor espaço para se observar o sentido; a sua dimensão, estabelecida pelas experiências, dependerá da densidade das conotações, que varia segundo os momentos do texto.

A análise textual do conto “Atrás do espesso véu”, de Marina Colasanti, é resultado de uma leitura que, seguindo a ótica de Roland Barthes, não é verdadeira, única e absoluta, mas é válida. Tomando por base uma análise textual do conto de Edgar Allan Poe – “O caso de M. Valdemar”, realizado por Roland Barthes (1977), procurou-se aplicar o modelo ao conto “Atrás do espesso véu” (COLASANTI, 1986), que, em acórdância com o citado autor, pôde ser dividido – fragmentado - em 15 lexias, ou seja, recortes em unidades de significação por meio das quais, através desse processo empírico de fraccionamento textual, buscou-se progressivamente um maior envolvimento com o texto, com o prazer de ler.

O CONTO E SUAS LEXIAS

ATRÁS DO ESPESSO VÉU [1]

Disse adeus aos pais [2] e, montada no camelo, partiu com a longa caravana [3] na qual seguiam seus bens e as grandes arcas do dote. [4] Atravessaram desertos, atravessaram montanhas. [5] Chegando afinal à terra do futuro esposo [6], eis que ele saiu de casa e veio andando ao seu encontro. [7]

“Este é aquele com quem viverás para sempre” [8], disse o chefe da caravana à mulher. [9] Então ela pegou a ponta do espesso véu que trazia enrolado na cabeça [10], e com ele cobriu o rosto [11], sem que nem se vissem os olhos [12]. Assim permaneceria dali em diante [13]. Para que jamais soubesse o que havia escolhido [14], aquele que a escolhera sem conhecê-la. [15] (COLASANTI, 1986, p. 47, numeração nossa)

[1] ATRÁS DO ESPESSO VÉU

De modo geral, destacamos que o título constitui-se como mercadoria. O

título do conto de Marina Colasanti, em sua função enunciativa e dêitica, já se nos apresenta como um aperitivo para a expectativa, aguçando-nos a curiosidade, a fim de buscarmos solucionar o enigma, o mistério, o desconhecido: o que será que há “atrás do espesso véu”?

O uso do advérbio “atrás”, iniciando o título, determina que algo ou alguém não se encontra às claras, oculta-se à espera de ser desvendado. Seguido do determinante “espesso”, adjetivo que conferirá ao seu determinado – “véu” – características que reforçarão a idéia do que mais se esconde, o advérbio “atrás” estabelecerá uma relação profunda com esse determinado, o substantivo “véu”, consolidando, assim, o caráter circunstancial que o título nos sugere. Eis, pois, o primeiro código a ser percebido: o código enigmático (ou hermenêutico); o tempo que dará gosto à narrativa, incitando-nos à leitura.

Detendo-nos, ainda, no determinado “véu”, em sua concretude, ele nos remeterá ao plano imaginativo e ao cultural, possibilitando-nos conjecturas: o quê ou quem estaria atrás de um véu? em que contexto social? quando? onde? e quanto à espessura? O porquê já se construíra como o primeiro enigma, os demais reforçam-lhe o vigor. O código sócio-histórico torna-se presente a partir dessas conjecturas que abrirão possibilidades para outros códigos. O enigma se alicerçará, primordialmente, a partir da ótica do “oculto”, do “não visível”, tanto no plano externo, quanto no interno: atrás de um véu espesso, pouco pode ser visto, sob o ponto de vista daquele ou daquilo que se oculta (interno): há uma idéia de fechamento para o mundo a ser percebido (mundo exterior). Entretanto, ao se fechar atrás de um espesso véu, algo ou alguém impossibilita ao mundo externo a visão. Nega-se, portanto, a relação sensorial do visível. O título, como anúncio metalingüístico (código metalingüístico), abre-nos o apetite e nos conduz ao banquete que o texto nos oferecerá.

[2] DISSE ADEUS AOS PAIS

A função desta segunda lexia é a de iniciar o esclarecimento a respeito da expectativa criada pelo título: o verbo, usado na 3ª pessoa do singular (“disse”), tem por função identificar o narrador. Mas o fato dessa estrutura não apresentar sujeito determinado, este também se oculta, aumenta ainda mais a expectativa do leitor. Constitui-se a frase como uma possibilidade de discurso indireto (disse: verbo dicendi); o que confirma o processo narrativo. Por outro lado, o substantivo “adeus” confere à frase, e conseqüentemente ao texto, a idéia de partida, de

despedida. Há alguém a despedir-se e essa despedida propõe a ruptura do convívio familiar: um filho ou uma filha deixa a casa paterna - “aos pais”.

O código familiar marca esta lexia, como também o cronológico, sugerido pelo tempo verbal - o pretérito- da narrativa.

[3] E, Montada No Camelo, Partiu Com A Longa Caravana

A oração reduzida de particípio, intercalada, colocada entre vírgulas e deslocada, possibilita-nos a resolução do primeiro mistério (ou oculto) do texto: “montada” refere-se a uma mulher, pela flexão de gênero que nessa forma evidencia-se. Nessa mesma estrutura define-se, também, a situação espacial, pois o substantivo “camelo” designa um mamífero cujo habitat natural é o deserto: outro oculto desfeito.

Na oração coordenada, alterada pela intromissão da reduzida, percebemos que o substantivo “caravana” confirma a relação espacial já mencionada. Caravana são expedições comuns a regiões desérticas. O adjetivo “longa”, preso aparentemente à “caravana”, não lhe confere sentido. Longa não é a caravana, mas a viagem, a distância a ser percorrida; longo é o próprio tempo a ser gasto. Valeu-nos, também, observar que “partiu” comprova o “adeus” da lexia 1: uma mulher que deixa a casa paterna e parte, em caravana, para um destino.

O código simbólico manifesta-se em “camelo” e “caravana”, termos que sustentam o plano espacial do texto, bem como o código sócio-cultural, que se registra no contexto definido pela lexia.

[4] NA QUAL SEGUIAM SEUS BENS E AS GRANDES ARCAS DO DOTE

O código sócio-cultural, apenas enunciado na lexia 3, agora se concretiza no sujeito composto da oração adjetiva: “seus bens e as grandes arcas do dote”. A princípio, o substantivo “bens” expressa os pertences pessoais (“seus” - pronome possessivo); “as grandes arcas do dote” configuram aquilo que passa a pertencer a ela, por doação, a estender-se a alguém que, provavelmente, a receberá. Eis outro mistério (ou oculto) a desvendar-se.

Depreende-se dessa lexia a possibilidade de um contrato matrimonial – índice comum na sociedade patriarcal do Oriente. Contrapõe-se, ainda, à idéia de “bens”, em proporção inferior, a idéia do “dote”: não há referências específicas quanto ao espaço ocupado pelos “bens” (arcas, talvez?). Entretanto, nota-se que o dote vai em “grandes arcas”. Muito maior é o que vai ser doado,

oferecido; menor o que é daquela que o leva.

[5] ATRAVESSARAM DESERTOS, ATRAVESSARAM MONTANHA

A gradação, estabelecida pelas coordenadas assindéticas e pela repetição do verbo, intensifica não só a idéia de lentidão (morosidade) da caravana de camelos, mas também da continuidade mantida pela própria rotina do caminhar (viajar) nas paragens orientais. Contudo, percebemos a oposição que se registra a partir dos substantivos “desertos” e “montanhas”: primeiramente percorreram os desertos, as terras áridas, planas quase sempre; a seguir, as montanhas, as terras altas, possivelmente férteis. O árido a contrapor-se ao fértil, numa relação geográfica, portanto espacial, e ainda confirmando a lexia 3, que nos remete à idéia de duração da viagem: muito tempo gasto para percorrer a distância.

O código cronológico confirma-se nessa relação espaço-tempo.

[6] CHEGANDO AFINAL À TERRA DO FUTURO ESPOSO

A reduzida de gerúndio, marcada pela presença do verbo chegar, dá-nos a finalização do percurso: término da viagem. O adjunto adverbial de lugar – “à terra do futuro esposo” – resolve outro mistério (ou oculto): o objetivo da viagem. Essa lexia configura-se pelo casamento a realizar-se, confirmada pela expressão “futuro esposo”. Cabe ainda ressaltar que, entre o verbo chegar e seu adjunto adverbial de lugar, encontra-se a palavra denotativa de situação – “afinal” – que nos reporta à idéia de finalmente, pela chegada; e de enfim sós, pelo encontro daqueles que irão contrair núpcias.

O código sócio-cultural consolida-se ainda mais: no Oriente, é a mulher que vai ao encontro do homem.

[7] EIS QUE ELE SAIU DE CASA E VEIO ANDANDO AO SEU ENCONTRO

A lexia 7 finaliza o primeiro parágrafo do conto. Seu efeito é o de revelação: “eis”, palavra que denota designação. O que está designado é o que está determinado por imposição: revela-se o marido; o novo contexto a ser vivenciado.

Interessante observar que o sair de casa para ele é diferente do sair de casa para ela. Da mesma forma, “veio andando” para ele é diferente do percurso para ela, tanto no tempo, quanto na distância e, principalmente, no que se

refere ao contexto do homem e ao da mulher no Oriente. “Veio andando” sugere-nos cautela, certa expectativa que produz um andar mais lento, devido à possibilidade do desconhecido a ser enfrentado. A função da locução verbal confirma-se, assim, retardando o processo de encontro. Partimos do princípio de que quem espera anseia pelo esperado e quer tê-lo mais rapidamente. Neste caso, o verbo viria em sua forma simples, como por exemplo, andou ao seu encontro. Ambos eram desconhecidos: ela nunca o vira, nem ele a ela. Há, aqui, a presença do encontro para o desvendar do desconhecido: o visível.

O código sócio-cultural, o código simbólico e o enigmático percorrem essa lexia fechando o primeiro plano dessa narrativa, preparando-a para o ápice da trama.

[8] “ESTE É AQUELE COM QUEM VIVERÁS PARA SEMPRE”

Abre-se a lexia com aspas, indicativo de discurso direto. “Este”, pronome demonstrativo de função dêitica, inicia a lexia associando-se a um idêntico quanto à classe gramatical: “aquele”. “Este” determina a aproximação do que estava longe (“aquele”). A distância é anulada pela presença do verbo em sua forma presente. Determina-se, portanto, a presença masculina e o vaticínio confirma-se a seguir: com quem viverás para sempre. Reforça-se o papel do destino e nega-se a possibilidade do livre arbítrio.

Essa lexia apresenta, também, o discurso autoritário, característica de uma sociedade patriarcal, na qual a hierarquia sempre coloca a mulher em posição de inferioridade e obediência. O uso da 2ª pessoa do singular (tu) também confirma a aproximação com o imperativo dos dogmas cristãos.

Na lexia, acentua-se a presença do código simbólico pela associação com o discurso bíblico; o código retórico configura-se pelo uso dos pronomes este/aquele. Todo o sentido dessa unidade de significação é determinada pelo código sócio-histórico (familiar).

[9] DISSE O CHEFE DA CARAVANA À MULHER

A forma verbal “disse”, pretérito perfeito do indicativo, estabelece o enunciado da lexia 7, comprovando o discurso direto. Mais uma vez, constata-se a posição da mulher nesta sociedade: o pai a entrega a um homem, chefe da caravana, cuja função é a de intermediar um negócio, um acordo estabelecido pelas partes masculinas: a mulher é apenas o objeto comerciado. Estão presentes

aqui os códigos retóricos, o sócio-histórico e o hierárquico.

[10] ENTÃO ELA PEGOU A PONTA DO ESPESSE VÉU QUE TRAZIA ENROLADO NA CABEÇA

A lexia 10 inicia-se com uma palavra denotativa de situação – “então” – comum às narrativas orais, tendo como finalidade dar continuidade à narração. Entretanto, a partir dessa palavra, a ação que se segue passa, pela primeira vez, a ser assumida pela personagem feminina (excetuando-se a lexia 1, quando ela “disse adeus aos pais”: não havia determinação de quem “disse”). Interessante observar que o uso do pronome pessoal reto – “ela” –, na função de sujeito do verbo “pegou”, determina o agente, mas não o nomeia. Falta, ao conto, o nomear das personagens. Esperávamos que a entrada da personagem feminina, em ação definida, desse-nos o esclarecimento de mais esse oculto que vem se alastrando por todas as lexias: sujeitos determinados, ocultos ou elípticos ou desinençiais. A partir da lexia 7, inicia-se a identificação das personagens, através de pronomes, porém sem nomeá-las. Na lexia 9, o sujeito modifica-se, deixa de ser pronome, contudo não é também nomeado.

O relevante dessa lexia, sem dúvida, é o deslocamento da ação para a personagem feminina “ela” que, ao pegar “a ponta do espesso véu que trazia enrolado na cabeça”, desvenda mais um oculto: o véu pertence a ela e era usado para enrolar a cabeça. A espessura do véu torna-se pertinente à função por ele desempenhada: proteger contra o sol, o frio e o vento que são inerentes ao deserto, região por onde viaja a caravana.

Parte do enigma já se nos apresenta desfeito; todavia, há, ainda, algo a ser esclarecido: por que será que “ela pegou a ponta do espesso véu”? o que ela pretende fazer com ele? O mistério ressurgue e mantém a expectativa.

O código feminino, o simbólico e o enigmático entrelaçam-se nessa lexia e propiciam um novo rumo à narrativa, aumentando a tensão.

[11] E COM ELE COBRIU O ROSTO

Eis a resposta para a dúvida surgida na lexia 10: para cobrir o rosto, ela retira o véu que enrolava a cabeça. O véu deixa de ter sua função de proteção para assumir outra. Uma nova questão firma-se, completando o mistério da lexia anterior: por que cobrir o rosto com o véu espesso? Define-se nessa lexia o clímax da narrativa, constituindo-se, assim, no código narrativo.

Sabemos que, no Oriente, a mulher só descobre o rosto para o marido. Como a mulher encontrava-se diante daquele que seria o seu futuro esposo, provavelmente, num ato instintivo e também cultural, ela cobre seu rosto para que ele não a visse antes do casamento.

[12] SEM QUE NEM SE VISSEM OS OLHOS

Pertinente observar a estruturação da lexia 12. Muito melhor ficaria a estrutura se fosse apresentada da seguinte forma: “sem que jamais lhe vissem os olhos”. Todavia, a estrutura tem a sua finalidade bem definida: não eram apenas os olhos a serem escondidos, como é do hábito das mulheres orientais esconderem, vedarem; o rosto todo deveria ser coberto, para não ser visto, e, conseqüentemente, os olhos, que normalmente ficam descobertos, também seriam ocultados. Ver os olhos e ver através deles é penetrar na alma, perceber o mundo interior daquele que é observado: os olhos são o espelho da alma.

Nega-se, nessa lexia, o desvendar não mais no plano externo do leitor, mas no plano interno da narrativa, o dos personagens. Levando-se em consideração que “sem que” é locução conjuntiva condicional, depreende-se daqui a condição que será estabelecida por ela: nem os olhos, nem todo o rosto poderão ser vistos. A reação da personagem feminina possibilita-nos uma reflexão mais profunda: da mesma forma que ela saiu para o desconhecido (sem ter a visão daquele para quem fora determinada), assim também nega a ele a possibilidade de perceber-lhe a alma.

O código feminino e o especular são os que explicam essa lexia dando-nos, inclusive, a possibilidade de perceber a determinação daquela que sempre esteve sob a vontade e as ordens do sexo oposto.

[13] ASSIM PERMANECERIA DALI EM DIANTE

A lexia 13 reitera o que na anterior pudemos perceber: a decisão tomada pela mulher seria mantida e continuada. Dois adjuntos adverbiais – o primeiro, de modo; o segundo, de tempo – reforçam a atitude e confirmam a determinação e, talvez, o único domínio que ela poderia ter sobre a situação que lhe fora imposta: o rosto, especialmente os olhos, jamais seriam descobertos. Aquele a quem ela se destinara, por contrato matrimonial, não a teria com a alma, não a mediria através do olhar. Fechava-se ela para ele; negava-lhe o prazer de desvendá-la.

O código feminino, o simbólico, o cultural e o da sensualidade registram-se nessa lexia, envolvendo-a no processo de interiorização que a narrativa assume no plano interno.

[14] PARA QUE JAMAIS SOUBESSE O QUE HAVIA ESCOLHIDO

Nessa estrutura, iniciada pela locução conjuntiva que expressa finalidade, seguida do advérbio *jamais*, há a reiteração, a confirmação do que já fora exposto na lexia 13. Contudo, o verbo “*soubesse*”, transitivo direto, vem completado pelo demonstrativo “*o*”, trazendo-nos uma particularidade: “*o*” equivale a *aquilo*, reforçando a idéia de objeto, de mercadoria, confirmada pelo verbo principal da oração adjetiva – “*escolhido*” – cujo sentido também transita para um “*que*” (pronomes relativos), reiterando a mesma idéia do demonstrativo “*o*”.

O código de transações comerciais, do mercado, do negócio evidencia-se, fazendo-se acompanhar do código da transgressão cultural.

[15] Aquele Que A Escolhera Sem Conhecê-La

Sua última lexia inicia-se com o demonstrativo “*aquele*”, que se refere ao futuro esposo. Em sua função dêitica, *aquele* é o que mais se distancia, como já foi dito anteriormente. O distanciamento dele é confirmado em relação a ela. Por cobrir-se com o espesso véu para sempre, ela o afastará de sua intimidade: o enigma agora será vivido por ele.

Há, nessa unidade, uma inversão: ela passa a ser o grande enigma para ele, além de estabelecer as regras do jogo amoroso, se é que o mesmo será realizado. Percebemos, ainda, o poder da mulher, apesar da narrativa acontecer num contexto *sub judicis* masculino. Ela usa de sua arma mais poderosa, a sensualidade, porém encoberta. Conhecê-la, vislumbrá-la, só a ela caberia o direito de determinar o momento. O corpo pode vir a pertencer-lhe, mas jamais a alma.

Num plano social, em que a mulher se vê subjugada, oprimida, desrespeitada, só lhe cabe uma resposta: negar-se ao mundo que lhe impõe as regras, não permitindo que este mundo a veja, abstendo-se também de vê-lo.

O código da transgressão cultural, o da feminilidade, o simbólico, o da sensualidade fecham esta narrativa.

Diante de um texto e a cada leitura que dele é feita, há sempre algo

novo a ser percebido. Convém ressaltar que todo texto é um tecido cheio de artimanhas, um fingimento que deve ser elucidado. É importante observar-lhe a estruturação, deixando aflorar o como do texto – seu grau de transfiguração, de criatividade, de imprevisibilidade; enfim, determinando o que o faz literário.

Todo texto deve ser ouvido, o mais que possível. Como afirma Wolfgang Iser, “diante dos vazios do texto, isto é, espaços abertos para a plurissignificação, inclusive devido à barra existente entre significante e significado no signo lingüístico” (ISER apud SOARES, 1990, p. 115), torna-se possível encontrar, de acordo com o próprio imaginário do texto, o caminho para a leitura.

A impossibilidade de uma normatividade quanto à existência de uma única leitura boa ou correta do texto (GRUMBECHE apud SOARES, 1990, p. 116) é certa; todavia, essa trajetória foi traçada a partir de um percurso que o grande crítico Roland Barthes experimentou. A percepção de que um texto é, acima de qualquer outro juízo, uma rede de sentidos possíveis a se abrir diante dos olhos daqueles que dele se apossam, deve nortear os passos de todo leitor.

O entendimento de que, sempre que possível, os planos do conteúdo (significados) e da expressão (significantes) devem ser relacionados, a fim de que se possa constatar a logicidade atestada pelos seus respectivos níveis. Mas, sem dúvida, o mais importante é permitir que o texto fale, que ele diga as suas propostas, que enuncie a própria teorização que faz da vida e do mundo.

A leitura de um texto literário, muito mais que levantamento dos seus recursos estéticos, é sempre um dado a mais na própria existência do leitor.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Análise textual de um conto de Edgar Alan Poe. In: _____. **Semiótica narrativa e textual**: obra apresentada por Claude Chabrol. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 36-62

_____. **SZ**. Tradução de Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, [197-?].

COLASANTI, Marina. Atrás do espesso véu. In: _____. **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 47.

FARACO; MOURA. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

LUCAS, Fábio. **Fronteiras imaginárias** – crítica. Rio de Janeiro: Cátedra, 1971.

SOARES, Angélica M. Santos. A crítica. In: SAMUEL, Rogel (Org.). **Manual de teoria literária**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 90-128.